

Pedro Fernandes Galé

(1980, São Paulo – SP) realizou graduação e pós-graduação no Departamento de Filosofia da Universidade de São Paulo. Sua tese de doutorado, *Winckelmann: uma história da arte entre a norma e a forma*, recebeu o prêmio Tese Destaque USP de 2017. Recebeu também menção honrosa com uma seleção de poemas no Programa Nascente USP, em 2015. Atualmente é docente na Universidade Federal de São Carlos.

E-mail: pedrogale@usp.br

concerto em qualquer tom para válvula mitral

*Levar às costas o fardo do ser
E ter certeza que não vai ser pago.*
Torquato Neto

escancara o escárnio e ri;
trombetas de fogo
no seu lábio fundo
atingem megatons
imaginários.

campanário do caos
a erigir vitupérios
a tudo que atinge;
rosna alto,
finge que goza.

e a bosta sedimentada
na bota e na alma
direto ao ventilador:
diante do mundo
o redemunho.

barroco androll

I.
diante de pedras
que tangem os dias
pergunto afobado:
Ouro Preto,
por qual veio
posso adentrar
suas carnes?
por onde correm
as veias duras
das pedras mudas?
...se perder
em Ouro Preto
diante de um espetáculo
que nada diz;
num exílio consentido,
estimulado.
entre fachadas nuas
rompe o silêncio
a tormenta de um motor.
e o vermelho do norte
encontra a dureza
saponácea
de suas pedras.
...enterro o dia gentil
entre silhuetas
que pouco querem
significar, num

mover programático
das carnes surdas!

II.

Trata da tradição dourada
a agonia de ser passageiro.
Morro, Morro, Morro
subidas que trazem o jubilar
das carnes que não quero.
escorrem das portas
(um som familiar?)
uns poucos acordes a definir
a melodia de entraves
encrustados na alma
num contraponto enfermo.

III.

E em decúbito dorsal
rosna
um cupido rosa
em desatino. e
o pobre menino baba
ao canto da boca.

Do caos de mucosas,
rosas, cinzas e turvas,
curvas se fazem
no deslizar dos dedos.
segredos transparentes
permanecem na penugem
que tinga a tua pele de bronze.

IV

Se deixo para trás as musas
recuso a imanência escura

de dias que se assemelham.
Vou ao encontro do longe,
por opção dos de perto.
Com dedo em riste,

certo,

cala-se
o rebento que já não volta!

anatomia institucional

*Não tive ideias pra fugir / Ideias me traíram
Preso fiquei / Num corredor polonês
Patife Band*

I

Monstro de mil bocas
burocráticas
lambe o jato de tinta
no sulfite seco.
Trepas entre molas da máquina velha,
defecando ofícios em orifícios nulos.
Hydra inerte que a tudo consome,
ainda que sem fome.
Os sulcos do seu rastro se ocultam;
vítimas e aliados digeridos
em dirigidos jorros que apagam tudo.
Carimbos, assinaturas,
traições/telefonemas;
morte do pensamento
morte do poema.

* * *

É que, paisagem ou retrato,
tudo cabe num A4.

II

Conheço tuas entranhas e
tua manha e a canalha
que te move.
A farsa sem força segue seu adágio:
A mitologia plena do plágio.
Templo do vulgar, a julgar
entre rosas os cataclismas
do outro.

Aneurisma da alma diante da
virtude do fraco. Do clarão opaco
que esconde tudo entre tubos
mastigados pelo tempo
rangem as sinapses que levam a nada.

III

Não quero esse amargo
que me amarra das tripas.
Não quero entender
errado essa escrita
que entre rusgas
se dita.

Não quero a fumaça
que oculta cadáveres.
Não quero nunca, nunca (!),
estar entre os pares!

Se me lambe o dorso um arrepio
em chamas,
chagas claras da
mordida vã,
eu máquina furiosa do mundo
entrego mudo
a bomba da sua ruína.
Tina de dejetos, entre objetos cortantes,
socada pra dentro
do ventre morto que se opôs.

golpe de sorte

A paulada vem
e o couro estala,
bala que resvala!
A paulada vai
e a pele cala...

máquina do mundo dispensada

*ninguém fala hoje em dia em maquinária
do mundo concentrado em continentes*
Haroldo de Campos

1. E... Se a máquina se revela,
apela a símbolos
já conhecidos.
2. Tempos idos se chocam e
repõem à língua concreta
as retas do *arco argênteo*.
3. Avante e em guarda salta
o terror da máquina morta
que corta o céu empedrado.
4. Na galáxia empenada
a luz desvia-se da fonte
e horizontes rompem auroras.
5. Quem canta está só, razão
de tantos cantares turvos

em resposta vã ao sacrifício.

6. A máquina emperrada
quebra-se num relance de
um lance de dados.

7. Da solidão cá abaixo
o faixo de chão cola
a retina nos fundos.

8. O mundo moído se esvai
no rigor dos segundos
num apoplético apocalipse.

9. As órbitas elípticas
distraem o espetáculo
da máquina do mundo
• dispensada!

